

## RESENHA

RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993

Pamela Cichoski<sup>1</sup>

O texto a seguir tem por objetivo apresentar os principais aspectos da obra supracitada, buscando ressaltar as contribuições do autor para a ciência geográfica. Para tanto, trabalhamos seguindo a separação em partes proposta pelo autor e no final faremos nossos apontamentos a respeito da obra estudada.

Na primeira parte, “De uma problemática a outra” o autor inicia uma discussão acerca do nascimento da geografia política, ressaltando que, nas ciências humanas, faz-se necessário o resgate histórico que remonta à gênese do processo estudado, porém, não se aprofunda nesse tema. Parte, de forma mais direta, para as contribuições de Friedrich Ratzel para a formação da geografia política, evidenciando o papel do Estado e a relação Estado-poder. Nesse contexto, destaca que a geografia política firma-se, de fato, em 1897, com Ratzel, o qual parte do estudo do Estado como elemento que mantém relação com o solo, pois dessa forma, uma comunidade pode explorar as potencialidades de um território. Para Ratzel o Estado é o único a deter o poder, desse modo, o poder concentra-se no Estado.

Também, Claude Raffestin aborda a influência do Estado e a sua evolução ligada às representações geográficas, à religião e a ideia de nação, assim como, evidencia os conceitos de fronteira, zonas de contato, população e circulação. Assim, para Ratzel, de acordo com o autor, o Estado é percebido como núcleo do poder, a partir de uma concepção totalitária, em que há íntima relação entre o Estado e o Poder. Conforme Claude Raffestin, é Ratzel quem teoriza e dá significado espacial ao Estado a partir de uma leitura geográfica.

Nesse sentido, para Raffestin, a geografia somente ocorre a partir do poder ou dos poderes, considerando as diferentes relações entre o Estado e o Poder, e o poder e as diversas comunidades existentes. Analisa, de forma atenciosa, o poder político que ocorre a partir dos conflitos, que podem provocar desordem a uma organização específica, pois o poder político está inserido em todas as formas de organização e no aparecimento da geopolítica, assim, o poder político é mais amplo do que o Estado.

Nesse contexto, o autor da obra supracitada destaca as contribuições de Jean Gottmann, ao evidenciar os estudos de iconografia e circulação, dando maior significado à política, a qual,

---

<sup>1</sup>Graduada em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: pamelacichoski\_@hotmail.com

somente ocorre com as interações sociais. De um modo geral, Raffestin critica a geografia política *unidimensional*, quando a expressão do Estado concentra o poder e esconde as relações de conflitualidade e oposição, as quais são presentes e reais, portanto, concebe a política como *multidimensional*, ao reconhecer os diferentes conflitos e a dicotomia concebido-vivido.

E ao perceber o Estado a partir da análise da noção de Estado-nação, criada na Revolução Francesa, o autor parte da perspectiva de que o Estado existe quando uma dada população se instala em certo território exercendo soberania, desse modo destaca três *trunfos* fundamentais para a compreensão do Estado: a população, o território e a autoridade, caracterizando a geografia do Estado.

Desse modo, Claude Raffestin faz uma leitura do território considerando dois códigos, os sintáticos e os semânticos, pensando na organização do território de um Estado que pode considerar a posição e a dimensão. Já a população, dentro dessa perspectiva, expressa a posição e as possibilidades de crescimento futuro, que podem ser abertas ou fechadas, em relação à taxa de reprodução. Por fim, a autoridade está diretamente ligada à soberania e, dessa forma, toda a compreensão acerca da geografia política está direcionada para o Estado.

O autor do livro *Por uma Geografia do Poder* segue com uma análise que tenta entender a problemática que envolve a questão política, partindo de uma percepção que busca entender o processo de explicação dos conceitos que são imprescindíveis para a compreensão dos fatos geográficos. De forma direta, parte de uma *problemática relacional*, que busca entender o poder político e suas relações no espaço, desse modo, adota uma postura mais crítica para criar uma *nova descrição* e uma *nova explicação* para a geografia política.

E ao falar das relações, destaca Karl Marx, lembrando as relações de troca de mercadorias e evidenciando outras como a oferta e a procura de trabalho e de informação. Também, destaca o valor de uso e o valor de troca, como meios que criam relações diferentes, pois nem todas as relações são materiais, grande parte delas são sociais.

Nesse sentido, referenciando-se em Michel Foucault, destaca que as relações contêm poder, que é diferente em grau e nível para cada uma das partes envolvidas no processo, pois as relações podem ser *simétricas* ou *dissimétricas*, cada qual caracterizando determinado tipo de processo. As relações, conforme Raffestin, podem ser materiais, sociais, econômicas e linguísticas, todas envolvendo a ação humana num conjunto contínuo de troca e movimento. Desse modo, as relações políticas são sempre aleatórias por não deixarem revelarem sua verdadeira aparência e o conflito existente no processo, havendo sempre certo domínio de umas das partes envolvidas.

E nesse contexto, o autor aborda os elementos constitutivos da relação, tais como os atores, a política, as estratégias, os *mediatos*, os códigos e os componentes espaciais e temporais da relação, evidenciando que o poder também está presente no conjunto do processo.

Desse modo, as relações ocorrem a partir das organizações sociais, o Estado é uma delas, mas não a única, e estas possuem suas bases apoiadas no tempo e no espaço, mas as relações também ocorrem com a ação dos atores que podem ser sintagmáticos ou paradigmáticos. Voltando às organizações, estas podem estabelecer relações simples ou complexas, dependendo do processo que objetivam realizar. Todos os atores possuem estratégias, as quais somam diferentes elementos para alcançar o objetivo proposto, sendo percebida como resultado de um projeto, já os *mediatos* aparecem como uma forma de controlar os mecanismos da relação.

Nesse contexto, também aparecem os códigos que são a base do código social, podendo ser articulações econômicas e políticas, montando um processo de busca de equilíbrio social que não ocorre de forma prática e real. O tempo e o espaço, para o autor, aparecem como a base das relações, sendo o espaço percebido como um *plano* de expressão superficial e *conteúdo* dado pelos atores sociais, já o tempo é entendido como real e relativo, ditado pelos movimentos dos planetas, mas também pela organização humana.

Já o poder é abordado a partir de dois aspectos, o poder com maiúscula (P) referente à soberania do Estado em relação aos cidadãos e ao território, e o poder com minúscula (p) que é ação dominante, mas escondida, que não se vê, desse modo é intrínseco a todas as relações.

Segundo Claude Raffestin, com base em Michel Foucault, o poder é um emaranhado de relações exercendo forças diversas, dentro de um conjunto de domínio vinculado à organização; o poder está presente nas relações de forma direta. E a manifestação do poder depende do tipo da relação, pois a partir disso as forças exercidas formam um *campo de poder*, o qual organiza os elementos e as configurações.

O autor também busca em Foucault uma explicação para a natureza do poder, em que observamos o poder exercido, as relações num conjunto interno de processos, o poder vindo de baixo, das massas, as relações de poder são intencionais e também podem revelar resistência. Portanto, o poder é *multidimensional*.

Para Raffestin, no *campo relacional* sempre há combinação de *energia* e *informação* que são imanentes à relação espaço-tempo. Ainda evidenciando Foucault e Gilles Deleuze, no exercício do poder, sempre existe a formação do saber, e essa formação está ligada aos atores envolvidos em cada relação social.

Desse modo, para Raffestin, o poder tem o objetivo de dominar tanto os homens como as coisas, assim, a população, o território e os recursos são percebidos como *trunfos*; o poder de uma organização social objetiva controlar e deter. O poder só pode ser percebido por meio de um processo que agrega relações.

Na segunda parte “A população e o poder”, o autor discute a população, percebendo-a como *recurso* e como um elemento de atuação social, dentro das organizações, em que, representar a população é uma forma de observá-la e exprimir poder, sendo o recenseamento o instrumento dessa representação, gerando informação sobre um estoque de energia. Para Raffestin, o poder centrado tanto no Estado como nas empresas, soma energia e informação para acentuar seu domínio por meio de diferentes estratégias, as quais não deixam de envolver a manipulação da população.

E um dos caminhos para a manipulação, segundo Claude Raffestin, é a língua, pois esta é um meio de identidade de uma população, está ligada à cultura, pode dar origem a distintos conflitos no âmbito social, e tem como função a comunicação, a organização da realidade e a transmissão; sendo percebida também como *recurso*, está no centro das relações de poder. A linguagem como recurso alimenta a resistência de um povo em relação às mudanças culturais, econômicas e políticas, que é submetido pelo Estado ou por outra organização.

Nesse sentido, a religião também aparece como elemento de manipulação, pois é uma forma de mediação (sagrado – profano) dotada de funções múltiplas e complexas e usada como instrumento de controle das massas pelas organizações, assim, os valores religiosos não estão separados dos políticos.

E ao discutir a população, o autor, não deixou de evidenciar as raças e as etnias que constituem o poder político, o qual leva o Estado a tomar medidas de controle e dominação para o exercício do poder, pois, nascem diferentes conflitos e desequilíbrios sociais, em que, alguns grupos são discriminados em favor de outro, que exerce sua força política e econômica no Estado. O conceito de discriminação é destacado como forma de representação da relação desigual.

E na terceira parte “O território e o Poder”, o autor trabalha com a construção do conceito de território, não deixando de lado o espaço e os atores sociais, dentro disso, entende o espaço como anterior ao território, sendo este último construído pelos atores.

O território é um espaço onde se projetou um trabalho, energia e informação, contendo relações sociais e de poder, envolvendo os atores que constituem uma sociedade. Também, trabalha com a constituição do *sistema territorial*, o qual envolve os *atores*, os *nós* e as *redes*, em um

conjunto de relações espaciais e/ou ideológicas, as quais influenciam a aplicação das estratégias que compõem um território.

Nesse contexto, Raffestin destaca a noção de distância, que é percebida como espacial, temporal, psicológica e econômica, em um conjunto de relações políticas, econômicas, culturais e sociais que condicionam a formação das *malhas*, dos *nós* e das *redes*. Dessa forma, as *malhas* são entendidas como a relação direta com o espaço, a forma de *produção territorial*, e as *redes* como a imagem do poder, as quais podem ser abstratas ou concretas e visíveis ou invisíveis.

Já a territorialidade é entendida como *multidimensional*, envolvendo a vivência cotidiana dos atores num determinado território e também é dinâmica, pois seus elementos variam no tempo e no espaço. A territorialidade é a forma pela qual uma sociedade busca satisfazer suas necessidades de energia e informação em um determinado território e num tempo específico, também é constituída de movimento, portanto, construída pelos atores sociais cotidianamente.

Partindo desse ponto, o autor passa a analisar os limites e as fronteiras para entender como o poder se engendra no contexto social dos atores por meio das estratégias e da formação dos territórios.

Para Raffestin, entender os limites e as fronteiras é observar as relações entre os seres humanos, pois todas as relações ocorrem dentro de um limite estabelecido, pois são um sistema sêmico que serve para demarcar o território. Sendo assim, o limite pode ser ideológico, porque justifica a territorialidade e as formas de produção, expressando poder, pois também, aparecem como informação que dão base estrutural para o território. Já a fronteira é a forma mais expressiva de controle de um território; o limite e a fronteira acontecem no tempo e no espaço, envolvendo a reprodução social.

Também, destaca a *tessitura territorial* como um sistema sêmico que possui relação com a produção, possuindo dessa forma códigos, nesse caso a própria tessitura. Nesse contexto, evidencia a discussão sobre região, destacando os conflitos pertinentes nesse nível escalar que envolve os sujeitos sociais, o Estado e a territorialidade, destacando a importância de se entender a região de vida, para valorizá-la e abandonar o *velho* costume de simplesmente teorizar sobre ela.

Nessa abordagem, Claude Raffestin trabalha com as noções de *nodosidade*, *centralidade* e *marginalidade* evidenciando um processo de relações que confrontam, dilatam e retraem esses elementos, os quais no conjunto social contam com os sujeitos, a formação de redes e o poder.

O Estado, como organização política e econômica, aparece como um dos elementos que busca tirar melhor proveito dessas relações, pois trabalha de forma a emanar de cima para baixo o poder, estruturando formas de produção e organização social.

Nesse contexto, Claude Raffestin aborda as noções de circulação e comunicação entendendo que o controle e a dominação, sobre as mesmas, permitem a organização e a gestão do espaço, sendo a mobilidade constituída de estratégias que dão impulso às ações realizadas pelos atores; a circulação é percebida como imagem do poder. Assim, as redes são entendidas como *móveis* e *inacabadas*, as quais expressam sua força no tempo e no espaço, caracterizando-se como *instrumentos do poder*.

As redes são sistemas sêmicos, desse modo dependem de uma leitura ideológica que envolve a criação, a utilização e o consumo das mesmas, nesse tocante não fica de fora a importância da construção de estratégias de ações que buscam uma integração territorial e a distribuição das distâncias. Portanto, para o autor, as redes são *instrumentos e imagens do poder*, consoante já mencionamos.

E na quarta e última parte da obra “Os recursos e o poder”, Claude Raffestin trabalha com o significado de *recurso*, como *matéria* ligada ao espaço, recurso pensado como território e tecnicismo como territorialidade. Partindo desse pressuposto, evidencia que a matéria se caracteriza por relações contínuas do homem que, por meio do trabalho, transforma-a, destacando também que as relações com a *matéria* contêm poder, num processo complexo de desenvolvimento. Já o *recurso* é resultado dessas relações, um produto, e a tecnicidade é um conjunto de relações que o homem mantém com a *matéria* disponível, podendo ser uma relação *simétrica* ou *dissimétrica*.

Nesse contexto, Raffestin aborda os recursos renováveis e não renováveis, destacando sua importância para o crescimento e manutenção das sociedades, como fator de conflitos e relações complexas, no qual o desenvolvimento econômico e político montam as estratégias e as ações sobre os mesmos, considerando o tempo e o espaço. Também evidencia o papel do ator como um produtor de recursos, ligando diferentes relações com a *matéria*, evidenciando que os atores podem desempenhar ações diferentes, pois dependem da quantidade e da qualidade de energia e informação que possuem disponível para suas ações.

Considerando que os atores situam-se em um *campo espaço-temporal* e possuem uma posição *absoluta* e *relativa* no espaço, passam a manter ligação com o território por meio das territorialidades, não esquecendo das *tessituras*, dos *nós* e das *redes*. Desse modo, os atores podem ser o indivíduo, uma organização (empresa) ou o Estado que, a partir das relações de poder, formulam estratégias de ação no território, considerando a relação espaço-temporal para o desenvolvimento de sua produção. Os recursos são importantes também no cenário mundial, considerando que os mesmos são ou podem vir a ser instrumentos de poder, dessa forma, estes

se ligam ao contexto econômico e político. Tais instrumentos de poder dependem da sua própria eficácia, estrutura e conjuntura, o que lhe permite maior ou menor possibilidade de poder. Os recursos geram um conjunto de conflitos econômicos e sociais no contexto mundial, dependendo da sua importância e disposição para a sociedade. Também, Claude Raffestin evidencia que tais conflitos são originados pelo domínio de grandes organizações (empresas ou Estado), sobre determinados recursos, a exemplo dos alimentos (produtos agrícolas) e do petróleo, assim, esse domínio dá forma aos desequilíbrios sociais, que se configuram no mundo, constituindo relações de exploração e expropriação por meio do poder.

Por fim, cabe destacar que Claude Raffestin discute a construção do conceito de território, pensado a partir de uma abordagem relacional e *multidimensional*, que respeita a atuação dos atores sociais e suas territorialidades como formas de vida e sobrevivência. Auxilia na compreensão dos diferentes elementos que compõem as relações espacio-temporais, considerando as ações humanas como meios de interação social e as diferentes formas de exercício do poder. Também ressalta a atuação do Estado como detentor de poder e executor de estratégias, assim como de outras empresas que compõem o cenário mundial. Claude Raffestin evidencia as diversas relações que ocorrem desde um nível local até o mundial, demonstrando a ligação do homem com o território e a importância dos recursos como *trunfos* de poder e dominação. De uma forma geral, essa obra serve de instrumento para a compreensão do território que construímos e vivemos, e também para analisarmos as diferentes relações que ocorrem no mundo, tanto no âmbito econômico como no político e cultural.

## REFERÊNCIAS

RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993.

**Recebido em:** janeiro de 2020

**Aceito e Publicado em:** abril de 2020